

## MINHA ESTRELA DALVA



Foto: João Caldas

*Escrito e estrelado por Renato Borghi, musical em homenagem a Dalva de Oliveira chega ao Rio de Janeiro com Soraya Ravenle no papel da diva*

*“Tudo começou com um Renato ainda menino que, aos seis anos, ganhou da mãe o disco do filme Branca de Neve. E quem interpretava a voz da princesa? Ninguém menos que Dalva de Oliveira! Ali, na vitrola da infância,*

*nasceria uma paixão avassaladora que atravessaria décadas, palcos e revoluções – para culminar no encontro real e improvável entre fã e diva, poucos anos antes dela nos deixar”, diz Renato Borghi, que retorna aos*

palcos com *Minha Estrela Dalva* – que, em 2026, celebra mais uma vez essa história – 21 anos depois da primeira montagem, de 1987, estrelada pela inesquecível Marília Pêra.

Naquela época, Soraya Ravenle integrava o coro do espetáculo – agora, domina o palco e encarna a própria Dalva de Oliveira: a *“Rainha do Rádio”*, o *“Rouxinol do Brasil”*, aos olhos do povo; e a grande mulher que desafiou o moralismo do seu tempo, cantou a dor rasgada de peito aberto e com a garganta em chamas, que ensinou ao país inteiro que, na sua voz inesquecível, o sofrimento virava beleza.

No palco, Renato Borghi contracena com sua própria juventude; o ator Elcio Nogueira Seixas – que, além de dirigir o espetáculo, vive o Renato de 1969, jovem ator da contracultura que, entre a rebeldia do Teatro Oficina e o *glamour* do rádio, descobre, em Dalva, a alma do Brasil.

Com uma voz de rara beleza, o ator e cantor Ivan Vellame dá vida aos amores de Dalva, com destaque para o compositor Herivelto Martins, seu primeiro marido. O artista desfila, no palco, os sambas imortais e os conflitos públicos e midiáticos do casal, que marcaram a era de ouro do rádio. A direção do espetáculo fica a cargo do premiado Elias Andreato e Renato Borghi, ator e dramaturgo.

#### **DALVA DE OLIVEIRA E O EMPODERAMENTO FEMININO**

O espetáculo destaca que cada homem que passou pela vida de Dalva de Oliveira exerceu, sobre a estrela, uma variação do suposto poder de definir quem ela era, quanto valia e quando deveria desaparecer. Herivelto, o marido compositor, dizia: *“Fui eu que te fiz, sua caipira!”* – e cobrava a dívida como se o talento dela fosse propriedade sua. Kiko, o segundo, queria transformá-la numa diva europeia bem-comportada. Bruno roubou seu dinheiro e fugiu. Apesar de massacrada

pelos jornais da década de 1950 e pela opinião pública, a resposta de Dalva foi uma só: *“Eu não tenho dono!”* Se fosse hoje, seria *“deletada”*. A tecnologia mudou; a lógica, não.

Mas Dalva transformou cada golpe em canção. Quando o ex-marido a difamou, gravou *“Errei sim”* – e devolveu: *“Que venha logo a primeira pedra me atirar.”* Quando quiseram enterrá-la, cantou *“Bandeira Branca”* no Maracanã e o público se ajoelhou diante dela. *“Se meu coração está machucado, deixo sangrar – eu canto melhor assim, de peito aberto”* – sentenciou. A história de Dalva de Oliveira não é relíquia do passado: é espelho. E o que hoje vemos, nesse espelho, é que a luta de Dalva continua sendo a luta de todas as mulheres.

#### **SERVIÇO**

##### ***“Minha Estrela Dalva”***

Até 27 de setembro

*Teatro Claro Mais*

Rua Siqueira Campos, 143, 2º piso, Copacabana, Rio de Janeiro / RJ

*Dias/Horários:* quintas e sábados, às 20h; sextas e domingos, às 17h

*Vendas:* em [uhuu.com](http://uhuu.com) e bilheteria do teatro

*Duração:* 90 minutos | *Classificação:* 14 anos



Foto: João Caldas